



“Mulher de Preso”: Histórias Narradas por Familiares de Detentos em uma Página do Facebook

Tiemi Damasceno OSATO¹

RESUMO

Este trabalho estuda a interação entre mulheres que possuem parentes presos. O objetivo do artigo é entender a comunicação entre elas e os possíveis significados dessa relação. Para isso, foi analisada uma página no Facebook, cujo nome não será divulgado para que sejam preservadas as identidades das participantes. Foram observadas quatro principais formas de comunicação: identitárias, biográficas, humorísticas e informativas/de denúncia. Entre as identitárias, termos como “mulher de preso” e “guerreira” aparecem frequentemente. Postagens biográficas trazem histórias de vida dessas mulheres, enquanto certo teor humorístico é característica da página e traz referências a personalidades conhecidas, como a cantora Inês Brasil e personagens das novelas “A dona do pedaço” e “Avenida Brasil”. A página também assume um aspecto informativo ao disseminar notícias e casos de denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: sistema prisional; facebook; narrativas; comunicação.

Introdução

Originalmente, esta pesquisa consistia em realizar um estudo de campo para analisar o papel da comunicação na ressocialização de presos. Devido aos contratempos desencadeados pela pandemia do novo coronavírus, houve uma mudança de planos e tornou-se necessário encontrar um objeto que pudesse ser estudado remotamente. Diante dessa nova escolha, tentei preservar o sistema carcerário como centro da pesquisa.

Ao procurar no Facebook comunidades relacionadas aos detentos, encontrei diversos grupos privados e algumas páginas públicas de mulheres que visitam parentes na prisão. Assim, o sistema carcerário tornou-se o pano de fundo para que novas protagonistas entrassem em cena: as mulheres que visitam familiares presos. São as “guerreiras”, como se denominam a administradora e as seguidoras de uma página pública do Facebook. Pretendo, neste artigo, analisar as interações comunicacionais entre as participantes desta página — cujo nome não será revelado, tendo em vista a preservação de identidades das mulheres.

Esta pesquisa busca direcionar os olhares para esse espaço, alvo constante de reprovação ou desprezo: o ex-secretário adjunto de Segurança Pública de Minas Gerais, Luiz Flavio Saporì, aponta, no

¹ Estudante do curso de Jornalismo, e-mail: tiemi.osato@al.casperlibero.edu.br



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

13º Anuário de Segurança Pública (2019), que há uma “negligência histórica do poder público” quanto ao sistema prisional. O 9º Anuário de Segurança Pública (2015), por sua vez, indica que 57% dos brasileiros concordam com a frase “bandido bom é bandido morto”. Também no 9º Anuário de Segurança Pública, as mulheres com familiares presos relatam que os ataques aos detentos e às pessoas ligadas a eles acontecem “na porta dos presídios, dos funcionários; dentro de casa, dos familiares; nas redes sociais, com várias piadas; e até mesmo dos políticos e figuras públicas”. Esse tipo de afirmação se assemelha ao encontrado na página do Facebook analisada neste artigo.

A página é atualizada diariamente com informações sobre unidades prisionais, relatos pessoais referentes à administradora da página e também àquelas que a acompanham, além de memes e postagens com denúncias. Em decorrência dessa diversidade, optei por trabalhar com as narrativas presentes neste espaço, que são variadas e traduzem as especificidades de cada situação vivenciada. Através da observação, análise e monitoramento da página e das narrativas nela compartilhadas procura-se compreender de que maneira ocorre a comunicação entre as “guerreiras” e os seus possíveis significados.

Tomando como base o conceito de Luiz Gonzaga Motta (2013), para quem a narrativa é um “processo universal de constituição de realidade”, busca-se captar uma fração da intensidade da vivência dessas mulheres. Para isso, foram desenvolvidas categorias a partir de elementos recorrentes das postagens e, assim, quatro divisões foram observadas: narrativas identitárias, biográficas, humorísticas e informativas/de denúncia.

Entre os meses de maio e julho, foram selecionadas de seis a dez postagens mais representativas para cada categoria. Os critérios utilizados para escolha de posts incluem o número de reações, de compartilhamentos e de comentários. Este último elemento, a partir do entendimento de Raquel Recuero (2014), se torna especialmente relevante, uma vez que “compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto”.

Quando comecei o trabalho de observação, na primeira semana de maio de 2020, a página contava com 125 mil seguidores e 98 mil curtidas. Ao longo do tempo, vi esses números se tornarem maiores e mais expressivos, alastrando-se para as mais diversas regiões do Brasil, de São Paulo ao Amazonas. Agora, na terceira semana de novembro, momento em que foi encerrado o artigo, a página conta com 153 mil seguidores e 114 mil curtidas.

O objetivo deste artigo não é formular grandes postulados ou construir certezas inabaláveis. Minha proposta está mais alinhada à ideia de um exercício de alteridade. Para isso, há uma breve contextualização



sobre o sistema prisional brasileiro e, em seguida, são apresentadas as narrativas — identitárias, biográficas, humorísticas e informativas e de denúncia.

Sistema Penitenciário Brasileiro

Composto, em grande medida, por homens jovens, negros e com baixa escolaridade, o sistema prisional do Brasil encontra-se superlotado. De acordo com os dados do 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020), foram contabilizadas 755.274 pessoas encarceradas em 2019 — ou seja, uma taxa de 359,4 presos por 100 mil habitantes. Destas, 7.265 são mulheres e 748.009 são homens. Também é importante ressaltar que, em 2019, 66,7% da população prisional era composta por negros, enquanto 32,3% representava os brancos. Os dados mostram ainda que o número de vagas em 2019 era 442.349, havendo, portanto, um déficit de 312.925. Além disso, especialistas criticam a má infraestrutura, a falta de investimento, o descaso do poder público e a ausência de condições básicas de higiene nos presídios brasileiros.

A questão sanitária no ano de 2020 foi um desafio maior ainda para o sistema carcerário, tendo em vista a pandemia de Covid-19. O 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública registrou 27.207 infecções pelo novo coronavírus entre abril e setembro. No sistema prisional, 3.637 casos a cada 100 mil presos. A taxa de incidência nacional, por sua vez, foi de 2.245 casos por 100 mil habitantes, o que demonstra o alto nível de infecções dentro dos presídios.

Um outro lado importante do sistema carcerário é aquele que não está vinculado diretamente ao Estado, mas dá apoio e suporte aos detentos. Mariana Barcinski (2014) aponta que os familiares cumprem um papel de apoio emocional e têm a função de prover insumos básicos aos presos. Uma reportagem escrita por Kaique Dalapola e publicada no dia 28 de fevereiro de 2020 no portal R7 revela, que, no estado de São Paulo, 531 mil nomes estão cadastrados para visita nas unidades prisionais. A SAP-SP (Secretaria de Administração Penitenciária) informa que 409.177 dessas pessoas são do sexo feminino, representando 77% do total.

As dificuldades que essas mulheres precisam enfrentar para realizar visitas se fazem presentes em dimensões distintas: é a renda que precisa ser suficiente tanto para sustentar a própria mulher — e, eventualmente, seus filhos — quanto para auxiliar o preso, a fila enorme que se coloca como obstáculo para as que estão constantemente em uma corrida contra o relógio, a revista feita como procedimento antes



da visita, além do receio e da preocupação alimentados graças à precariedade do sistema carcerário brasileiro.

Narrativas identitárias

Para iniciar a análise sobre as narrativas presentes na página, é importante conhecer quem são as narradoras e protagonistas dessas histórias. Veremos como são empregados e quais os significados atribuídos a termos específicos, como “guerreira” e “mulher de preso”. Além disso, os posts desta categoria abordam questões comuns às realidades de mulheres que visitam detentos, tais como as filas nos presídios, as cartas recebidas e as dificuldades de ter que lidar sozinha com essas situações. Na categoria das narrativas identitárias, portanto, foram selecionadas postagens que apresentam essas mulheres enquanto coletivo, considerando a definição de “público” de George Gerbner (1999, p. 10), como “agregados soltos de pessoas que compartilham alguma consciência comum de como as coisas funcionam, o que são e o que deve ser feito — mas nunca se encontram cara a cara”².

Uma postagem feita pela administradora da página no dia 14 de julho apresenta a descrição de um dia de visita: chegar na penitenciária pela madrugada, retirar uma senha, enfrentar a longa fila, passar pela revista e, então, “guardar todos os problemas no bolso e entrar com um sorriso no rosto dentro daquele inferno”. O texto é direcionado “a vcs que fala que bandido bom é bandido morto, ou que mulher de bandido é vagabunda” e traz também um tom de melancolia ao dizer que “lá dentro a hora vooa no dia de visita e as 15:50 é hora que nos resta dar txau pra quem gostaríamos de trazer pra casa”.

Além disso, a administradora da página se posiciona através do post e emprega o termo “guerreiras”: “Mulher com M Maiúsculo... Sociedade passe apenas um terço do que eu passo para depois ter decência de querer nos #Julgar #Somos_Guerreiras_Sim”. As seguidoras fazem o mesmo por meio de comentários e afirmam que “mulherada que enfrenta isso são guerreiras sim já enfrentei isso muito mas hoje graças a deus meu marido e regenerado em nome d jesus”.

Quanto ao termo “mulher de preso”, um post feito no dia 11 de maio esclarece que “ser mulher de preso não é pagar de bandida na quebrada ou na porta da cadeia achando que pode tudo. Mais sim colocar um par de chinelo, enfrentar olhares preconceituosos, passar humilhação e mesmo assim entrar no pátio sorrindo pq sabe que vai encontrar seu grande amor #GuerreiraDeFé #CantaLiberdadee #PorVocêEnfrentoOMundoo”.

² “Publics are those loose aggregations of people who share some common consciousness of how things work, what things are, and what ought to be done — but never meet face-to-face”



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

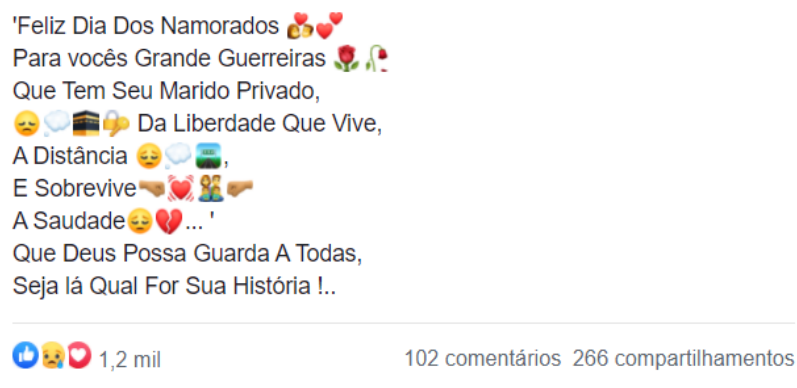
Os comentários presentes nesse post demonstram que há um entendimento comum sobre a realidade que essas mulheres enfrentam. “Vdd isso. Ver as pessoas olha pra vc com. Olhares de desprezo mas a nossa alegria de ver eles e maior que qualquer preconceito”, diz uma das seguidoras da página. Outra participante relata, nos comentários da mesma postagem, que visitou por dez anos no presídio de segurança máxima no Mato Grosso: “sempre chegava com muita humildade e respeito, pois a sociedade nos vê diferente só pelo fato de ser mulher de preso, então sempre manter a postura de mulher, postura de senhora”.

É possível notar que, em relação a estigmas, a página assume uma posição de confronto. Há uma postagem em que a administradora do perfil questiona a visão equivocada de que as mulheres que se relacionam com detentos ficam ‘feias e acabadas’. “Eu acabada”, diz a frase do post, que é seguida por emojis de risada, indicando uma ironia. “Vamos descontraí cunhadas postem as fotos acabadas de vcs”, pede a administradora.

É interessante observar que o termo “cunhadas” remete à uma relação familiar que não se confirma na prática. Apesar das participantes da página não serem de fato cunhadas umas das outras, é assim que elas se consideram. Os 209 comentários da postagem trazem diversas selfies e fotos das “cunhadas”, indicando também há quanto tempo estão em um relacionamento com detentos. Não apenas elas compartilharam seus registros, como reagiram aos demais comentários através das ferramentas de curtir, “amei” e “uau”, atitude que pode ser considerada uma demonstração de apoio.

A saudade que as mulheres sentem dos familiares presos também é assunto recorrente na página. Como observam Tannuss *et al* (2018), “as mulheres frequentemente atrelam sua felicidade à saída de seu ente querido do cárcere”. No dia 12 de julho, data em que se comemora o Dia dos Namorados, a postagem feita retoma a ideia de “guerreiras” e reforça um traço característico desta comunidade: a religiosidade. Além de estar presente no nome da página, as postagens e sobretudo os comentários também carregam essa marca. No caso do post abaixo, pouco mais da metade dos comentários — 54 dos 102 — incluem as mulheres dizendo “amém”.

Figura 01. Postagem com conteúdo identitário



Fonte: Facebook

Outros posts também têm marcas comuns às mulheres que visitam detentos. As cartas, por exemplo, são um elemento presente na rotina de pessoas que possuem familiares na prisão. “Sempre pensei em colecionar algo, mas nunca pensei que seria cartas”, diz um post de 4 de julho. Nos comentários, as mulheres compartilham fotos das correspondências recebidas e informam há quanto tempo trocam cartas — período que varia de 10 meses a 10 anos. Percebemos, assim, a existência de narrativas dentro da narrativa. E, como afirma Motta (2013), as narrativas são um meio para “compreender o sentido da vida”. No caso das correspondências trocadas entre presos e mulheres, é uma forma de manter a comunicação mais constante, com atualizações recentes sobre a rotina, os sentimentos e os pensamentos de cada um.

Enquanto algumas mulheres preferem guardar as cartas, para outras é importante fazer o oposto: “eu leio vejo que esta tudo bem guardo por algumas semanas e jogo fora, e quando ele sair vai tudo pro lixo não quero nada de cadeia aqui na minha casa, vai ser vida que segue se Deus quiser”, relata uma participante da página. Assim, é possível notar que, apesar das “guerreiras” compartilharem uma consciência comum em relação às realidades em que elas vivem, também há pontos de divergência.

Narrativas Biográficas

Apesar das “guerreiras”, como se identificam, vivenciarem realidades, em certa medida, semelhantes, há também especificidades. A seleção de posts realizada para a categoria das narrativas biográficas revela apenas uma pequena parcela das histórias contadas, porém cumpre o objetivo de demonstrar a pluralidade presente nessa comunidade.

Conforme observado por Pfaffenseller *et al* (2017), o narrador pós-moderno não somente narra, mas narra aquilo que ele mesmo vive. Na página em questão, há posts que apresentam histórias pessoais. Alguns deles são feitos por seguidoras que se sentem à vontade para compartilhar histórias usando seu próprio nome. Por outro lado, existem aqueles que são publicados pela administradora da página anonimamente. Isso acontece quando as mulheres também desejam contar as suas histórias, mas optam por não serem identificadas. Assim, vemos duas formas distintas de compartilhar histórias, mas que preservam a ideia do narrador ser também aquele que vive o que é narrado.

Figura 02. Postagem com conteúdo biográfico

Eu queria fazer uma coisa diferente quem seu marido saiu e ganhou
Liberdade ? Valeu a pena tudo que vc fez por ele ? Conte sua história pra
nois ? SE não quiser divulga nome me chama posto anônimo oque vcs
acham ?

   486

360 comentários 3 compartilhamentos

Fonte: Facebook

O post acima foi feito no dia 9 de junho pela administradora da página. Uma das mulheres responde ao questionamento e diz que não valeu a pena: “Se arrependimento matasse , deixaria ele lá ... saiu de provisória, olhou na minha cara , e falou bem assim ‘ninguém pediu pra você ir me visitar , foi pq quis’”. Essa afirmação é seguida por comentários de consolo — “deus sabe que foi de coração Abençoe a vida dele e siga a sua de cabeça erguida Pq vc não precisa dessa bagagem” — e de identificação — “já escutei essas mesmas palavras é horrível a sensação”.

Outras respostas à pergunta proposta são positivas.

Meninas, olha tenho 25 anos com meu marido , 20 só de casada , ele começou tirar cadeia em 98 tinha 18 para 19 anos , muitas coisas aconteceram , sério mesmo ele era muito imaturo , terminamos , voltamos , ele saiu , depois voltou pra cadeia mas olha meninas hoje em dia ele tem 42 eu 38 , temos 4 filhos , ele é marido maravilhoso , de vdd , sou advogada , ele ficava 5 , 6 horas dentro da garagem do fórum me esperando . Está preso de novo , porém olho para trás e vejo que tudo que passamos até aqui valeu muito a pena , os erros , acertos foram fundamentais para nosso crescimento como casal mesmo ! Ele é o melhor marido do mundo . Dentro e fora da cadeia.

Os comentários trazem diferentes histórias, mas independentemente do conteúdo, todos eles configuram uma “participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto”, como observa Recuero (2014) sobre a ferramenta de comentários do Facebook. É também através dos comentários e da seção de avaliação desta rede social —



onde a palavra “conforto” aparece frequentemente — que se confirma a função de apoio emocional da página.

Barcinski *et al* (2014) entendem que “a função de ‘apoio emocional’ implica na provisão de um espaço de escuta e troca, onde os indivíduos se sentem compreendidos, estimulados e apoiados”. Barcinski considera que essa função requer a existência de “relações de maior intimidade” e, apesar dessa intimidade não se consolidar no caso da página analisada, é possível dizer que, nesse espaço virtual, as participantes enxergam uma recepção positiva o suficiente para que se sintam confortáveis para compartilhar suas experiências pessoais, ainda que existam grupos privados — que possuem uma restrição de participantes — no próprio Facebook e no WhatsApp destinados a esse objetivo.

Além dos comentários que trazem histórias de vida e conselhos, existem as postagens que apresentam narrativas mais extensas. Algumas mulheres escolhem compartilhar suas histórias apenas para dividir os acontecimentos com mais pessoas — “Vi Várias Histórias Aqui Na Página E Quero Compartilhar A Minha Com Vocês” —, outras têm o objetivo de desabafar — “o pior e ver meu filho de 2 anos perguntando cadê o papai eu não sei o que falar está me doendo muito já tem dias que não durmo direito estou sofrendo não me julgue estou apenas desabafando” — e também existem aquelas que procuram por conselhos — “eu realmente não sei se vale a pena eu esperar ele ou não até porque também só tenho 14 anos e não tenho muita cabeça, queria a ajuda de vocês”.

Como Tannuss *et al* (2018) observam, “diante da série de violações que sofrem cotidianamente, pode-se entender que cada mulher possui uma motivação específica para manter o vínculo com o preso”, mas é importante ressaltar que o contrário também acontece. Apesar de ser uma página voltada para mulheres que possuem parentes encarcerados, aquelas que acabaram rompendo o vínculo com o detento são vistas como “guerreiras” da mesma forma:

Eu espero que Deus de forças pra vcs que quebraram a cara mais uma coisa eu digo vcs sao mais que vitórias não se sintam pra baixo por conta disso vcs não perderam nada nada mesmo quem perdeu foi eles que não deu valor pra mulheres guerreiras batalhadoras como vcs que segurou mundo dos filhos e do marido e sustento uma casa sozinha !! Pare e pense eles precisam de vcs ! Vcs não precisam deles pra nada !”, diz um comentário da administradora da página.

Narrativas Humorísticas

Primo (2018) observa que “o consumo e o compartilhamento de conteúdo humorístico tem, nos últimos anos, dominado boa parte das plataformas digitais de sociabilidade”. Na página analisada, vemos que esse tipo de conteúdo se faz presente através das narrativas humorísticas. Essas postagens, como todas

as outras, estão relacionadas ao ambiente prisional e às vidas das pessoas que mantêm vínculos com detentos. Existem posts que utilizam apenas frases e outros que fazem uso de imagens. As postagens selecionadas para análise neste artigo incluem referências a personalidades famosas, como a cantora Inês Brasil e as personagens Maria da Paz, de “A dona do pedaço”, e Carminha, de “Avenida Brasil”.

Um dos temas explorados pelas narrativas humorísticas é a saudade que as mulheres sentem dos seus familiares presos. Em um post do dia 3 de julho, o texto diz “EU NO PÁTIO FELIZONA ESPERANDO O MEU PRESO! #SaudadesTaDemais” e a imagem mostra a personagem Maria da Paz, interpretada por Juliana Paes em “A dona do pedaço”, de braços abertos sorrindo. Um post do dia 19 de junho, por sua vez, faz referência à Carminha de “Avenida Brasil”, que aparece gritando, e, logo acima, o texto diz “Eu quero ir visitaaaa. Solta o preso, seu juiz”.

Há outra postagem, realizada no dia 17 de julho, que faz referências às cartas trocadas entre mulheres e detentos. Como já mencionado anteriormente, as cartas são uma forma de manter a comunicação mais constantemente entre o preso e a mulher. Essa narrativa humorística traz também a cantora Inês Brasil, cuja imagem é frequentemente utilizada em memes que circulam na Internet.

Figura 03. Postagem com conteúdo humorístico



Fonte: Facebook

Outro ponto destacado pelas narrativas humorísticas diz respeito ao pouco suporte de conhecidos destinado aos detentos: “Quando meu marido sair espero que os parceiros continuem com amnésia”. O

texto, que é seguido por emojis de risada, revela, de forma bem humorada e que beira a ironia, a solidão das “guerreiras” no apoio ao preso. Há também um post de 15 de junho que revela outra face da ausência de auxílio às mulheres: “Você é vitorioso na onde, que nem a pensão da sua filha você paga !!!”. Mais uma vez com uma linguagem irônica, a postagem faz uso do humor e apresenta uma vivência comum entre as participantes da página, que deixaram 765 reações, 74 comentários e 1,4 mil compartilhamentos.

No dia 29 de maio, a administradora da página publicou o seguinte texto: “A melhor sensação do mundo é ir dormir sem precisar pensar se fulano tá traindo, se fulano tá saindo escondido, se tá enganando, pq na real ele tá preso”. O post possui cerca de mil reações, 335 comentários e 671 compartilhamentos. Apesar da maior parte das reações serem de risada, também há comentários que contrariam a postagem, porém seguem a linha do humor: “Kkkkk foi acreditando nisso que me ferrei 🧑‍🦱Tava comigo e mais duas na fila. Fora as que eu não sei kkkkk Oh dó 🤣🤣🤣”.

Nos posts analisados, percebe-se que há uma relação de identificação e de compartilhamento de sensações com um coletivo. E, conforme analisa Primo (2018), o conteúdo que tem como objetivo gerar humor possui sua relevância “nas sensibilidades coletivas provocadas e no prazer de compartilhar emoções, gostos e valores”.

Narrativas Informativas e de Denúncia

Entre as narrativas exploradas neste artigo, as informativas e as identitárias são as que ganham maior destaque na aba de “avaliações” da página analisada. Além da palavra “conforto”, que aparece frequentemente e remete às narrativas identitárias, são utilizados termos relacionados à esfera informativa. Há mulheres que recomendam o espaço “para saber notícias e se conhecer uma ajuda a outra” e outras dizem que a página traz “informação que são muito gratificantes para nós que temos nossos familiares presos”.

Figura 04. Comentário de avaliação da página

Esse grupo é muito bom Posta as coisas que acontece de verdade não é que nem os outros grupos que possa fake News quem fez esse grupo tá de parabéns 🙌🥳
🍊🍊

Fonte: Facebook

Assim, a partir das avaliações feitas pelas “guerreiras”, pode-se inferir que o caráter informativo dos conteúdos abordados é um aspecto fundamental da página. As postagens trazem informações sobre



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

presídios de diversos lugares do país, visitas e programas governamentais. Um post do dia 9 de julho, por exemplo, é referente ao calendário do pagamento do auxílio emergencial para as pessoas cadastradas no Bolsa Família. Trata-se de um texto postado pela administradora da página cuja fonte não é mencionada. Nos comentários, há mulheres que fazem perguntas sobre os valores e algumas que mencionam outras pessoas para que também tenham acesso à informação.

Um dos temas mais frequentes nas narrativas informativas são as visitas aos presídios. Com a pandemia do novo coronavírus, as visitas presenciais foram suspensas. A expectativa para a retomada delas era grande e, no dia 6 de julho, uma postagem anunciou a volta das visitas no Amazonas.

Mais uma vez sem fonte, o post feito pela administradora da página assemelha-se ao texto de uma matéria jornalística e traz fotos de mulheres na fila do presídio respeitando o distanciamento social. Entre os 520 comentários, “cunhadas” de outros estados esperavam que o mesmo ocorresse nas suas respectivas regiões: “Se Deus quiser a aqui em São Paulo”, “Meu Deus tomará que aqui em Fortaleza façam o mesmo”, “Tomara que volte aqui no Rio Grande do Norte”, “Tomara que volte logo as visitas aqui no Pará”, “Aí toma que volta aqui ES Vitória também”.

No dia 17 de julho, a administradora da página compartilhou o link da matéria “Videochamadas entre presos e familiares devem estar disponíveis nas penitenciárias de SP na próxima semana”, da CBN. Através dos comentários, é possível perceber que algumas mulheres rejeitam a ideia, enquanto outras se posicionam a favor das videochamadas. “Nossa vai ser ótimo pois não tenho como visitar meu filho devido ao meu trabalho em hospital”, relata uma delas. “Nossa que bom meu marido vai ver nosso filho”, comemora outra. “Se nos adotarmos esse método de vídeo conferência depois que acabar a pandemia vai continuar assim é não vai mais ter visitas então temos que lutar pelo direito da visita não podemos aceitar a saudade dói sim mais temos que ser firme pois logo vai passar”, argumenta uma. “Em Brasília são 3 minutos , dá pra falar o quê? Desumano !”, afirma outra.

As narrativas de denúncia, por sua vez, não são tão presentes na página, mas não deixam de ser relevantes. Diante de um Estado que se mostra negligente quanto às condições do sistema prisional e das esferas relativas a ele, as denúncias através de redes sociais se tornam um canal importante para exigir mudanças.

No dia 2 de maio, a página postou um vídeo gravado dentro da Casa de Prisão Provisória (CPP) de Luziânia, em Goiás. “Detento morreu 1 hora da manhã e foi retirado o corpo as 11 da manhã . Detento.era cadeirante necessitava de cuidados especiais estava pedindo pra ir na upa a mais de 1 semana”, diz a



postagem. Ela acumula 1,2 mil comentários e 2,2 mil compartilhamentos. No dia 3 de maio, a Ponte Jornalismo fez uma reportagem sobre o caso denunciado, dando maior visibilidade para a situação.

No dia 8 de julho, foi publicado um vídeo cuja descrição é “um Pai de família que foi forjado pelo os policiais”. A filmagem mostra policiais algemando e colocando um homem à força dentro da viatura, enquanto uma mulher filma a cena e diz que estão machucando o rapaz. Os comentários da postagem revelam sentimentos de solidariedade e identificação: “Antes eu nao acreditava que podia acontecer isso ,achava que era a familia querendo defender sua familia mais sei que acontece sim e muito triste pq meu irmao passou por isso ja como ele falava se tivesse feito tava tranquilo aqui pq tava pagando por uma coisa que eu fiz mais sem eu fazer nada to passando por uma umilhacao dessa e muito triste mesmo que Deus abencoe que td de certo”; “Lamentável rapaz trabalhador sempre trabalhou pra cuidar da sua família nunca prejudicou ninguém não intendo essa justiça infeliz é muito triste vê acontecer isso e não ter como ajuda deixou aqui fora duas filhas e a esposa que hoje sofre ao ver essa do pai do marido sendo preso forjado injustamente indignada com tudo isso mesmo com todas as filmagens eles não fazem nada dói muito ver oque fizeram com ele porque ele não merecia isso”.

As denúncias também são importantes no processo de rompimento de estereótipos. Como pontua Buoro (1998), o criminoso é visto como uma “figura social capaz de catalisar as imagens do mal na sociedade e, portanto, passível de ser excluído moralmente desta, perdendo até seu estatuto de ser humano”. Tendo essa posição em vista, é necessário reafirmar a indignação frente a excessos policiais e ao descaso do poder público quanto às condições das unidades prisionais. Denunciar situações como essas é reforçar que elas não são aceitáveis e que, portanto, devem mudar.

Considerações Finais

A página analisada atua, entre outros aspectos, conferindo apoio emocional e compartilhando informações. Através das narrativas identitárias, as mulheres se tratam por “cunhadas” e se reconhecem como “guerreiras”, além de rejeitarem a negatividade geralmente associada à expressão “mulher de preso”. Além disso, elas fazem do espaço oferecido por uma rede social um ambiente esclarecedor e de compreensão mútua. É um local onde enxergam uma recepção positiva o suficiente para que se sintam confortáveis para pedir conselhos e compartilhar suas experiências de vida — prática evidenciada através das narrativas biográficas — mesmo que não se conheçam pessoalmente. Nota-se, ainda, que os comentários são uma ferramenta importante de apoio e expressão.



FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

Também destaca-se o teor humorístico presente na página. Apesar da comunidade em questão enfrentar uma realidade complexa, os posts de humor são frequentes, contam com referências a memes amplamente conhecidos na Internet e exemplificam uma outra forma de expressão dessas mulheres no Facebook. Por fim, percebe-se que a página assume um caráter de fonte de informação, que abarca a totalidade do país e não se limita apenas a um local, e canal de denúncia, que contribui para a quebra de estigmas e estereótipos.

Todas as narrativas mencionadas têm como fundamento as vivências comuns, que conectam as “guerreiras” entre si. Conforme observa Barcinski (2014, p. 936):

As múltiplas violências experimentadas por familiares que transitam em unidades prisionais se transformam, no contexto específico desta comunidade, em elemento de aproximação entre seus membros.

Buoro (1998), por sua vez, pontua que “os familiares de presos compõem um grupo de pessoas que é um dos depositários dos estigmas existentes na sociedade contra os presos”. Apesar desses fatores de convergência, as “guerreiras” não são uma massa homogênea. Há divergências de pensamentos e vivências entre elas e vale lembrar que a página analisada é um retrato de parte do sistema prisional, que é um ambiente permeado por muitas outras questões, visões e realidades distintas das apresentadas neste artigo.

REFERÊNCIAS

BARCINSKI, M. et al. Guerreiras do cárcere: uma rede virtual de apoio aos familiares de pessoas privadas de liberdade. **Temas em Psicologia**. Volume 22, número 4, 2014.

BUORO, Andréa Bueno. A cabeça fraca: familiares de presos frente ao dilema da percepção dos direitos humanos. **Revista USP**, n. 37, p. 70-81, 1998.

DA CUNHA RECUERO, Raquel. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: uma proposta de estudo. **Revista E-Compós**. Volume 4, 2005.

DA CUNHA RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

DALAPOLA, Kaique. Dia de visita. R7 Estúdio, 2020. Disponível em: <<https://estudio.r7.com/dia-de-visita-28022020>>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.



F A C U L D A D E C Á S P E R L Í B E R O

Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio/TV e Internet
Especialização e Mestrado em Comunicação

FORUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2015.

FORUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2019.

FORUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2020.

GERBNER, George. The stories we tell. **Peace Review**, 11(1), 9-15, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UnB, 2013.

PAFFENSELLER, Ana et al. As narrativas de si nas redes sociais: o “eu” no facebook. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Editora Catarse. 2017.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira et al. Interações e práticas no Facebook. **Contracampo** Vol. 37, n. 2 (ago./nov. 2018), p. 152-171, 2018.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede, **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 618-641, 2012.

TANNUSS, Rebecka Wanderley et al. Pena compartilhada: das relações entre cárcere, família e direitos humanos. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade-REDES**, v. 6, n. 2, p. 203-218, 2018.